

**NAS FISSURAS DOS CADERNOS ENCARDIDOS: OS PROCESSOS DE  
SUBJETIVAÇÃO E A DISCURSIVIDADE LITERÁRIA INCANÔNICA EM  
CAROLINA MARIA DE JESUS**

**Dnda CARRIJO, Fabiana Rodrigues**

**(PPGEL/UFU- Universidade Federal de Uberlândia)**

**facarrijo@gmail.com**

**Resumo:** Este estudo pretende se ocupar – enquanto trabalho em interface – que abriga/congrega estudos/aportes teóricos oriundos de várias instâncias do saber, pois se entende, aqui, que os saberes não se excluem, mas, antes, se interpenetram – do processo de subjetivação e da discursividade literária incanônica em Carolina Maria de Jesus. Este projeto de tese tem como objetivo geral: analisar como sujeitos e sentidos são delineados na materialidade discursiva constituída pelos textos de Carolina Maria de Jesus, notadamente, o mais conhecido deles: Quarto de Despejo – diário de uma favelada (2007), quer seja, construir com base nos aportes teóricos da AD, de vértice francesa, matrizes teórico-metodológicas para contemplar/cotejar o corpus literário ora apresentado, tentando bosquejar os meandros dos processos de subjetivação do sujeito com base em sua interpelação pela/na ideologia, pelo social, pela história, enfim pela exterioridade. Desejamos, ainda, como objetivos específicos: 1) apresentar e analisar o processo de construção dos sujeitos discursivos por intermédio da enunciação caroliniana em Quarto de Despejo que ao ocupar as formas-sujeito de autora, narradora e personagem e sendo interpelada, ininterruptamente, e/ou melhor, se inscrevendo em determinados lugares discursivos e sociais o faz neste movimento dinâmico, deslocando-se, movendo-se e tateando extravasar aos limites de sua obra, em que se imiscuem o (s) sentido (s), o (s) sujeito (s), sua (s) memória (s) discursiva (s), sua (história), sua inscrição ideológica, religiosa e social; 2) Analisar a discursividade na fortuna crítica existente sobre a obra de Carolina Maria de Jesus, observando, o que intitulamos aqui de ‘silenciamento’ para os textos de Carolina quer seja, a sua não representatividade na literatura contemporânea, seguindo o curso/ a orientação das pontuações realizadas por DALCASTAGNÈ, 2005, 2007, 2009<sup>a</sup> e 2009<sup>b</sup>; Ao recorrer à discursividade literária incanônica entremostrada na fortuna crítica de Carolina, como fizemos até o presente momento e estaremos fazendo a posteriori, se torna acoplada ao nosso objetivo geral – que é o de esquadriñar/bosquejar os processos de subjetivação na constituição do sujeito literário. Assim, neste projeto de pesquisa para o doutoramento, este objetivo geral incita um outro que se apresenta enquanto desdobramento deste objetivo geral e que o intitulamos, aqui, para efeitos metodológicos, como um dos objetivos específicos – quer seja, a discursividade literária incanônica em Carolina Maria de Jesus.

**Palavras-chave:** Processos de subjetivação , Discursividade literária, Carolina Maria de Jesus

**1-Uma breve incursão:**

Partindo dos aportes teóricos da AD, de base francesa, e tomando o discurso, em uma visão pecheutiana, enquanto processo de determinação histórico-ideológica da produção de sentidos

(PÊCHEUX, 1997) espera-se, por meio da materialidade discursiva, constituintes dos textos de Carolina, delinear os processos de subjetivação e a discursividade literária incanônica em Carolina Maria de Jesus.

Circunscritos nos escopos teóricos da AD e, em sua multiplicidade de conjunção teórica, – já que ela se apresenta enquanto um campo de análise fundada em uma tríade: Linguística-Marxismo-Psicanálise e, portanto, segundo inúmeros estudiosos se constitui em um lugar transdisciplinar, já que recorre às bases teóricas oriundas de espaços teóricos outros e, ainda, atravessa e se acha atravessada/traspassada por esses espaços teóricos diversos – que este projeto, ambiciona, utilizar um alicerce linguístico, referendado pela AD, e um *corpus* – de base literária, a saber os textos de Carolina Maria de Jesus, em especial, o mais conhecido no Brasil denominado “Quarto de Despejo” – diário de uma favelada (2007).

Quanto à possível notoriedade/singularidade a ser apresentada enquanto *justificativa* para a temática deste projeto de pesquisa entende-se, aqui, que a questão do sujeito e, portanto, o que se convencionou a intitular, aqui, *de processos de subjetivação*, é por cremos – como sujeitos em curso que somos e estamos – que a noção de sujeito é tão complexa/polêmica e a despeito do falar diverso sobre este tema, ele ainda se apresenta, se configura enquanto campo de análise/de estudo extremamente profícuo e aberto. O único ponto mais ou menos consensual entre as diversas abordagens que já foram tecidas sobre o sujeito é que ele não é mais o sujeito cartesiano.<sup>1</sup>

Nesse sentido, para uns, entre eles: M. PÊCHEUX – incorporando/seguindo a trilha de ALTHUSSER – o sujeito é um sujeito *assujeitado* em via ininterrupta de assujeitamento e/ou, ainda, um sujeito que é sempre interpelado – chamado à existência por intermédio da ideologia e, por meio de, determinadas condições materiais de produção de uma dada formação discursiva; para outros o sujeito não é fonte/origem de seu dizer e carrega em si, a exemplo de Sísifo, o fardo de que *outras vozes* dizem e falam em seu *dizer* – um dizer polifônico, atravessado por outras e tantas outras vozes, conforme pontuava BAKHTIN sobre a noção de dialogismo. Para outros, haveria, ainda, o que muito se propalou: *a morte do autor*, conforme assevera BARTHES; e para outros, seguindo a linha de Michel FOUCAULT haveria o que se intitulou a **função autor**, em que o sujeito ocuparia, em um dado momento, uma dada função, quer seja, a função de autor, entre tantas outras possíveis. Em outros, o sujeito é sujeito da enunciação porque ele se assume enquanto um “Eu” e passa a exigir, em uma dada enunciação, a presença de um “Tu”, nos moldes do que afirmava BENVENISTE em O aparelho formal da enunciação.

---

<sup>1</sup> -A questão do sujeito é uma questão aberta. Para analistas do discurso afetados de alguma forma pelo ‘ar do tempo’ da época heróica da fundação da disciplina, só há um consenso absoluto: o fim do sujeito cartesiano. (...) quanto às especificidades que ultrapassem a negação do sujeito dito uno e consciente, penso que o campo está aberto. Como sempre as respostas provisórias, ou as tentativas de dá-las, que têm algum interesse provêm de detalhamentos teóricos e de análises de corpora variados. (POSSENTI, S. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p.82)

Por outras palavras, o que justificaria o referido projeto de tese para um possível doutoramento, é a questão aberta/entreaderta sobre a noção do sujeito e/ou o que se convencionou aqui, ao recorrermos às extensões teóricas principiadas por SANTOS<sup>2</sup>, de Processos de Subjetivação, evidentemente, acoplada à noção de sentido e, ainda, correlacionada com a questão de discursividade na fortuna crítica de Carolina Maria de Jesus. Entendemos, nessa direção que nas brechas, nos intervalos em que pretende atuar a AD, de vertente francesa, que se reconhece em uma de suas facetas, como um campo de análise que trabalha justamente neste entremeio, neste intervalo dos outros espaços teóricos, que os *processos de subjetivação*, a nosso ver, parecem ser mais amplos que as outras acepções pontuadas acima. Se o sujeito é diverso, múltiplo/plural e, paradoxalmente, singular, se não há uma questão fechada para a acepção de sujeito, é partindo desta extensão teórica proposta por SANTOS (2010)<sup>3</sup> que se intenta, mais que isto, que se ambiciona, criar matrizes teórico-metodológicas, de natureza descritiva e interpretativa para esboçar, por intermédio, da materialidade discursiva de Carolina, apreendida, em seus textos, nos recortes realizados em sua escritura singular, um método de análise descritiva e interpretativa – entenda-se, aqui, algumas matrizes metodológicas de análise do texto literário.

Não destoante deste objetivo geral – descrever os processos de subjetivação na escritura de Carolina Maria de Jesus, este projeto aspira, amiúde, aferir em um de seus vieses de análise/escopo a questão da discursividade literária incanônica em Carolina Maria de Jesus – o que constituiria em nosso objetivo complementar a ser alcançado assim que matrizes teórico-metodológicas forem delineadas/esboçadas. Teremos em pauta algumas questões que serão, futuramente, contempladas tendo em vista a materialidade discursiva de Carolina Maria de Jesus, a saber: “Como se realizam os dizeres? Quais as vozes enunciadas por Carolina Maria de Jesus? Qual o propósito de enunciação dos dizeres? Os papéis sociais, a identidade, a crença da referida autora, por intermédio, de sua linguagem que, a despeito de ser autobiográfica, também carrega em si, muito de fabulação; já que há recortes, tomadas de posição por este ou aquele assunto; neste ou naquele dia, dentre outras (con)fabulações.

Não há na escolha do termo “encardido” para intitular o referido projeto, nenhuma conotação/acepção pejorativa, só se está cumprindo aqui, uma referência aos cadernos de Carolina que eram, a exemplo, de seu sustento e o de seus filhos, *retirados do lixo*, talvez por isso, para recorrer, aqui, a um trocadilho, ainda jazem/permanecem encardidos pelo tempo, pela ausência e, talvez, ainda, pelo silêncio de uma crítica que jamais lhe conferiram o estatuto de uma obra, notadamente literária, não nos moldes preconcebidos da crítica literária, que ainda sustenta a *imortalidade* para os afeitos ao dom da palavra e ocupantes de uma dada cadeira. É revelador, para não dizer intrigante que a obra

---

<sup>2</sup>-As referidas extensões teóricas, como o próprio título deixa entrever, trata-se de termos criados, de extensões construídas por João Bôsko Cabral dos Santos, a partir dos flancos teóricos da AD (de base francesa) na tentativa de se elaborar matrizes de análise teórico-metodológicas descritivas e interpretativas para cotejar diversos tipos de *corpora*. São notações de aula.

<sup>3</sup> - Notas de aula da disciplina que tem por título Análise de Discurso, ministrada pelo professor Dr. João Bosco Cabral dos Santos, principiada em março de 2010, nas dependências da UFU.

completa de Carolina Maria de Jesus só se acha, devidamente, reeditada em língua inglesa. A referida autora é bem mais conhecida/(re)conhecida em país alheio ao seu nascimento.

Assim, acreditamos que, não só a noção de sujeito, quer seja, os *processos de subjetivação* – flanco de análise de base linguística desta interface ora apresentada – não foram amplamente esgotados, como, ainda, este corpus – a escritura de Carolina Maria de Jesus – outra contraparte desta interface, desta feita, sob os aportes teóricos de base literária, também se apresenta enquanto algo singular. Não há notícia, na fortuna crítica da aludida autora, nada que se assemelhe com a presente discussão.

Ao se eleger entre a pequena “representatividade” dos escritos de autoria feminina e negra – os escritos de Carolina Maria de Jesus – que eram, a exemplo dos inúmeros cadernos encardidos encontrados após sua morte, *silenciados por uma crítica literária que jamais lhe conferiram o estatuto de literatura*, dar voz e entremostram as diversas censuras silenciadas pelo discurso dominante. Tanto assim o é, que a obra mais conhecida desta autora – *Quarto de Despejo* – fora apresentada por um jornalista, Audálio Dantas e, não recebeu, na época, como continua, de certo modo, não recebendo uma leitura sob a ótica dos estudos literários. É sobre este não-lugar e/ou neste silêncio para os/nos estudos pautados por uma crítica literária que se define, por ora, ainda que de maneira incipiente, a apresentação de um projeto de pesquisa, em que um de seus aportes teóricos, a saber, o de base literária, se constitui no presente corpus para a interface, propriamente dita, entre os estudos de base linguística e os estudos de base literária.

Esta obra (*Quarto de Despejo*) obteve alguns estudos e fora mundialmente conhecida como obra de testemunho. O depoimento de uma mulher negra, favelada sobre o dia-a-dia de suas desventuras para obter o seu sustento e o de seus filhos. Houve na época da publicação do aludido livro – década de 60 – suspeitas sobre a veracidade e a assunção de autoria. Foi posto sob suspeição a veracidade de seu testemunho; se, efetivamente, os relatos eram tais e quais atribuídos à autora Carolina Maria de Jesus ou foram burilados pelo apresentador da autora e de seu livro, o jornalista Audálio Dantas.

Nesse sentido, pode-se deduzir que, fora lhe concedida a liberdade de falar, mas esta fala ficou circunscrita ao teor testemunhal, validou e tem legitimado enquanto testemunho e não como obra literária, ao menos, não por uma crítica, supostamente literária, já que tem sido recorrida, enquanto sucesso editorial da época e tem recebido acenos enquanto fundamentação teórica, de base sociológica.

Assim, contemplar um texto literário, sob os moldes da discursividade, implica abordá-lo em um contexto bastante intrincado em que se ponderam os sujeitos interlocutores, a situação de produção enunciativa e a própria ideologia constitutiva. Ao lermos as obras de Carolina Maria de Jesus, notadamente, o livro “*Quarto de Despejo*”, fomos interpelados – chamados à existência – em um primeiro momento, não por um processo de *identificação*, ao revés, por um súbito sentimento de *(des)identificação* e, a posteriori, por uma sensação de *denegação*, para recorrermos aqui, as notações

temáticas oriundas de PÊCHEUX (1997). Ficamos incomodados e, ao sermos incomodados, a primeira reação foi (des)identificarmos-nos com o sujeito-narrador, com o sujeito-personagem e, ainda, com o sujeito-autor de *Quarto de Despejo – diário de uma favelada*, embora, paradoxalmente, esses sujeitos nos (re)velem e/ou ainda nos desvendassem nossa condição, nossa faceta mais nua.<sup>4</sup> Dessa maneira, se faz relevante destacar que nossa motivação hipotética para a realização desta proposta de pesquisa foi, evidentemente, atendermos, prontamente, a esta interpelação que a aludida obra nos intimava/convidava e, ainda, incita.

Por outras palavras, cogitamos – enquanto uma das *hipóteses de investigação deste/neste trabalho* – que Carolina, por um processo também de (des)identificação não se aproxima da *sala de estar* (a cidade, os habitantes ricos desta cidade) e toma para si, a exemplo do que ocorrera com a sua personagem e com a narradora, o espaço deslocado do *quarto de despejo*, consubstanciando, assim, o que PÊCHEUX (1997) já dissera ao citar Althusser de que “o sujeito é desde sempre ‘um indivíduo interpelado em sujeito’.” Carolina – enquanto sujeito empírico é interpelada pela/ na Ideologia, em Instância Sujeito e, neste caso, ao ser interpelada, cria, uma fabulação que ao retratar as agruras dos favelados, *é capaz de borrar em sua escritura, por meio de sua escritura*, um lugar possível, um lugar social, uma formação discursiva que (re)vela suas inscrições sociais, políticas, religiosas, estético-retóricas singulares.

Dessa forma, Carolina Maria de Jesus – *enquanto instância sujeito* – que fora/é/ está/se encontra, ininterruptamente, interpelada pela exterioridade, sendo esta, a ideologia, a história, o lugar social, cultural, as concepções estilístico-retóricas do que lhe fora dado/ensinado e compreendido enquanto efeitos estilístico-retóricos. Por intermédio de sua memória discursiva, esta instância-sujeito esquadriha uma especificidade de sua produção literária em constante relação dialógica com a exterioridade. A exterioridade não somente *o espaço físico, quarto de despejo*, mas entendendo-se/tomando-se, aqui, o social, o ideológico, o histórico, que serve de figuração não só para seu objeto literário, mas, frequentemente, lhe dita o tom, (re)velando-nos, esboçando-nos um retrato de mulher, de sujeito-autor, sujeito-narrador e sujeito-personagem borrado/chamuscado pelas interpelações diárias em que convocam/chamam o sujeito à existência.

Nessa perspectiva, talvez seja neste silêncio, neste não-lugar para os textos de Carolina Maria de Jesus, que se encontra uma segunda *justificativa* para a execução/proposição de um projeto ora intitulado: “Nas fissuras dos cadernos encardidos: os processos de subjetivação e a discursividade literária incanônica em Carolina Maria de Jesus”, já que ele poderá constituir, ainda que, minimamente, *em um exercício para o falar sobre*.

Assim, insiste-se, aqui, que ao recorreremos às matrizes teórico-metodológicas, o fazemos na tentativa de pontuar/demarcar/delimitar as considerações metodológicas que este projeto se vincula/se

---

<sup>4</sup> - O vocábulo (re)velar traz em si a acepção de *velar e revelar* – enquanto possibilidade contraditória de, concomitantemente, velar/esconder e/ou tirar o véu, desvelar, revelar, trazer à tona, mostrar, sugerir, aguilhoar.

circunscreve. O termo **matrizes teórico-metodológicas** fora utilizado, inicialmente, na acepção que lhe dá SANTOS:

As matrizes seriam, então, um mapeamento das ocorrências no todo do corpus, com vistas a uma organização distintiva da conjuntura discursiva da enunciação em análise. Dessa síntese matricial, composta por seqüências discursivas, recortadas da conjuntura enunciativa em estudo, emerge o procedimento de micro-análise de uma manifestação discursiva. Essas seqüências discursivas, por sua vez, representam conjuntos de enunciados, recortados do escopo da manifestação em estudo, que sinalizam uma evidência por recorrência, particularidade ou efeito, e passam a constituir unidades-base de análise de comportamentos subjetudiniais ou de conjunturas sentidurais. (SANTOS, 2004, p. 114)

Nesse sentido, **Matrizes** – são recorrências possíveis em uma determinada materialidade discursiva; são algumas regularidades dentro de um dado recorte. Talvez houvesse para a AD – de vertente francesa – uma descontinuidade no dizer, mas este dizer, ao ser transformado, ao ser tomado enquanto materialidade, o faz pensando justamente neste dizer recorrente que o torna bastante característico, pontual.

Escrever a partir de um ponto de vista “*marginalizado*” (leia-se: sem o estatuto de autoridade conferido a este dizer) não deve ser uma tarefa fácil, especialmente, se atentarmos para o fato de que escrever, comumente, fora considerado um ofício masculino. O que pensar então dos escritos nos cadernos encardidos de uma mulher negra, semianalfabeta, pobre, mãe solteira e moradora da favela do Canindé? Conforme dissera RENNOTTE (2009), ao comentar as obras de alguns autores negros, entre eles Carolina Maria de Jesus, especialmente o livro de memórias intitulado “Diário de Bitita”:

a experiência interior de uma mulher negra, por razões sociais, nenhuma mulher branca ou homem, mesmo negro, tem. Escrever ou não escrever sobre homens e mulheres negras jamais anularia esta verdade. Nem clareando fotografia ou forjando dados no atestado de óbito. (RENNOTTE, 2009, p 3)

É instigante observar que a aludida obra foi editada primeiro na França e, só posteriormente, veio a ser publicada no Brasil. Nesse sentido, *retomando a questão principal de nossa pesquisa*, indagaríamos, quer seja, somos interpelados a investigar: qual (is) o (s) tipo (s) de sujeito (s), de constituição de sujeito se faz entrever nas fissuras dos cadernos encardidos de Carolina Maria de Jesus, sobretudo, esquadrinhado/bosquejado a partir da materialidade discursiva de seus textos, em especial, o mais comentado deles: Quarto de Despejo?

Carolina foge à figura padrão, dita padrão de mulher branca/escolarizada e escritora. Carolina é preta, como preto são os seus dias... como preta são as suas roupas encardidas por falta de dinheiro para comprar sabão...como preta é a sua luta para a efetivação/concretização de um sonho... ser poeta/ser escritora, viver de sua escritura. Sua voz é contundente, pungente como a luta pela dura sobrevivência: “Não tenho força física, mas as minhas palavras ferem mais do que espada. E as feridas são incicatrisáveis.” (QD,2007, p.49). Paradoxalmente, para não dizer quase que em um oximoro, Carolina em uma visão dialética, tenta a despeito de enfrentar bravamente o real – entenda-se aqui o

dia-a-dia sempre igual na luta de uma favelada para sustentar seus filhos – fugir à realidade circundante...ambiciona adejar outros mundos... se lançar, por meio da escrita, em outro universo material e intelectual. Quase em uma visão *quixotesca*, luta bravamente, para mudar seu dia-a-dia, contudo ele se revela sempre igual. Igual nas misérias, na luta pela sobrevivência, igual no trabalho de catar lixo e de prover a casa, igual no desejo de ser escritora, igual no registro diário de seus cadernos encardidos, igual no uso das repetições para entremostrear aos leitores que sua experiência de favelada só poderia ter sido realizada por uma mulher favelada: “Há de existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá... isto é mentira! Mas, as misérias são reais.” (QD, 2007, p.47)

Carolina não luta, evidentemente, com/contra os moinhos de vento e ainda não tem um Sancho Pança, sua luta é contra a miséria, sua luta é contra a fome e a favor da vida e de seus filhos, a despeito de em alguns momentos, desejar, por fim a sua vida e a de seus filhos, justamente quando se sente impotente diante de tantas mazelas e podridão. Sua luta é para se manter viva, em meio a tantas intempéries sociais, materiais e, até mesmo, intelectuais. Semelhante, ainda, no recurso de escolher/catar as palavras como quem recolhe do lixo seu sustento. Escolhe, tenta (re)colher as palavras mais contundentes, e em muitos momentos, lavra como quem lavra/apara pelas mudas mais belas, os cachos mais açucarados, mas nem por isso, menos cáusticos; contudo, segundo assevera Carolina, em uma visão ao revés, já que em nada a vida lhe fora amena, ao contrário, sempre dura, sempre angustiante, sempre predestinada a catar... catar o quê, onde, em que proporção, com quais recursos?: “Parece que eu vim ao mundo predestinada a catar. Só não cato a felicidade.” (QD, 2007, p.81). Só não se faz análogo o fato de Carolina resistir bravamente e não aceitar as submissões que observava/via/ouvia, diuturnamente, outras mulheres acolherem. Carolina não se dobrava frente às dificuldades, sabendo-se segregada, jamais aceitou a condição de submissa, favelada, mãe solteira, inferior, como se entrevê nos versos ‘silenciados’<sup>5</sup> de uma Carolina Maria de Jesus: “Eu disse: o meu sonho é escrever!/Responde o branco: ela é louca./O que as negras devem fazer.../É ir pro tanque lavar roupa.”

Nos presentes versos e em toda a obra de Carolina, nota-se que há o desejo intrínseco de ocupar um outro lugar... um lugar entre os escritores...Carolina também indica, até mesmo, ao leitor ‘ingênuo’ – pretensamente ingênuo, que é possível ocupar outros lugares, que é permitido/necessário/imprescindível sair das “centricidades”, de fora do centro para contemplar outras margens, outros lugares possíveis. Sua fala é pungente, contundente e entremostra que o não-lugar, o não-dizer, também se faz, pretensamente, dizível/audível, ainda que, a contragosto de muitos. Nesse sentido, “falar sobre o não-lugar de Carolina, é falar, especificamente sobre o seu lugar”<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> - Silenciados por um mercado editorial e por uma crítica literária que jamais lhe conferiram o estatuto de uma produtora de literatura, seja lá o que isso for, como bem pontuara DALCASTAGNÈ (2007).

<sup>6</sup> - Conforme afirmou SILVESTRE, Nathércia “Carolina de Jesus: a beleza de ser “diferente”. Revista online do Grupo de Pesquisa e Estudos em Cinema e Literatura. ISSN: 1808-8473

Como é horrível ver um filho comer e perguntar: “Tem mais?” Esta palavra “tem mais” fica oscilando dentro do cérebro de uma mãe que olha as panela e não tem mais.(Q.D,2007, p.39) *Tem mais Carolina?* O diário é um gênero inacabado... como inacabados são os relatos de Carolina... não no sentido de faltar acabamento... mas no sentido de ser um gênero discursivo sem ponto final... o último dia de relato de *Quarto de Despejo*, quer seja, 1º de janeiro de 1960 “... *Levantei as 5 horas e fui carregar água*” representa/sugere ser um eterno recomeço... assim seguem os dias de Carolina que conheceu um pouco da fama... mas não saiu de sua condição de miserável ... miseráveis são seus dias... a despeito de Carolina ter vivenciado um acelerado momento de glória, não conseguiu se livrar de sua condição de miserável...morreu pobre e tentando bancar seus livros e ainda não ficou conhecida pelo gênero literário que sempre almejou, mas nunca lhe consagrou – a poesia.

## 1-2-Estágio Atual do arcabouço teórico e análise inicial do corpus

### 1.2.1- PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO NA PERSPECTIVA DA AD:

*“Eu sou é eu mesmo. Diverjo de todo mundo... Eu quase que nada sei. Mas desconfio de muita coisa.”*

(ROSA, 2001, p.31)

Recorrendo aos aportes teóricos de Pêcheux (1997, p.159) no tocante a forma-sujeito do discurso e de posse, ainda, das extensões teóricas formuladas/ampliadas por SANTOS (2009) intitulada a *Instância Enunciativa Sujeitucional* esta tese ambiciona delinear/esquadrinhar como esta forma-sujeito em suas diversas inscrições, nos inúmeros e sempre diversos lugares discursivos e lugares sociais faz (des)velar um sujeito interpelado, ininterruptamente, a constituir-se sujeito discursivo. Assim são/serão sempre e diversos os lugares, as posições discursivas desta forma-sujeito. A depender desta ou daquela inscrição discursiva, desta ou daquela inscrição ideológica, desta ou daquela formação discursiva. Neste caso, seguindo as orientações de Pêcheux (1997, p.162):

a formação discursiva é o lugar da constituição do sentido”. Mais ainda, *“toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao “todo complexo com dominante” das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas... (Grifos do autor)*

O referido autor (1997, p.162) ainda profere:

...o funcionamento da Ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos (e, especificamente, em sujeitos de seu discurso) se realiza através do interdiscurso intrincado nesse complexo) e fornece ‘a cada sujeito’ sua ‘realidade’, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas – aceitas – experimentadas.

Assim, a forma-sujeito Carolina Maria de Jesus enquanto sujeito-autor, se vê impelida/compelida a escrever/(des)velar as mazelas que acometem os favelados – razão/justificativa apontada para legitimar sua obra Quarto de Despejo. Se é ou não da ordem do devir – os desdobramentos futuros de “Quarto de Despejo – diário de uma favelada”, o fato é que Carolina enquanto sujeito-autor se vê impetrada a constituir sujeito-discursivo, com base neste lugar social e discursivo, o primeiro deles a de mulher, a de favelada e a de escritora. Será a partir deste primeiro eixo que, aqui, para efeito metodológico intitulamos de sócio-ideológico, que principiaremos as discussões.

Valendo-nos das extensões teóricas propostas por SANTOS (2009) poderíamos pontuar que, o sujeito, ou melhor, a forma-sujeito é interpelada a constituir-se sujeito discursivo, em conformidade com o lugar social e/ou o lugar discursivo que lhe recobra/que lhe interpela a constituir-se sujeito, por intermédio deste teatro da consciência intitulado interpelação. Desse modo, a princípio, afirmaríamos que a mulher Carolina Maria de Jesus ao ser interpelada, o é em consenso com as singularidades de seu lugar social, que lhe impõe estas e não aquelas singularidades.

Principiamos, pois, sobre a Escritora, apontando as possíveis justificativas apresentadas pelo sujeito-autor para exibir um sujeito-narrador e um sujeito-personagem com especificidades tais: A escritora que pelos relatos veiculados em Quarto de Despejo nos entremostra que sua veia artística fora quase uma sentença: nascera com dor de cabeça e um médico, destes que atende na rede pública, com o poder científico a ele conferido... diria que esta dor era resultado de uma veia artística aflorada; Seguindo esta sentença, cumpriu a risca o verso cabal de Drummond “vai ser *gauche* na vida”, percorrendo a linha contrária do, prontamente, esperado, por uma sociedade, eminentemente, capitalista e cindida em castas... quis, insistentemente, ser escritora, ainda que com tão pouca escolaridade, quer seja, dois anos, do antigo primário: “Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos.” (QD,p.20). “As rascoas da favela estão vendo eu escrever e sabe que é contra elas. Resolveram me deixar em paz.” (QD, p.21)

Deixei o leito as 4 horas para escrever. Abri a porta e contemplei o céu estrelado. Quando o astro-rei começou despontar eu fui buscar água. (QD, p.21)

Aqui, todas imprecam comigo. Dizem que falo muito bem. Que sei atrair os homens. (...) Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo. (QD, p.22)

Enquanto as roupas corava eu sentei na calçada para escrever. Passou um senhor e perguntou-me: \_ O que escreve? \_ Todas as lambanças que pratica os favelados, estes projetos de gente humana. Ele disse: \_ escreve e depois dá a um crítico para fazer a revisão. (QD, p.23)

Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo. (QD, p.22)

... Eu gosto de ficar dentro de casa, com as portas fechadas. Não gosto de ficar nas esquinas conversando. Gosto de ficar sozinha e lendo. Ou escrevendo! (QD, p.25)

A forma-sujeito é incitada a constituir-se em sujeito discursivo e o é ao ser interpelada, isto é, chamada à existência a partir de um lugar social e, às vezes, também um lugar discursivo e/ou ambos. Desse modo, o sujeito-autor ao assumir o lugar discurso deste sujeito-autor sabe de suas atribuições – conquanto em muitos momentos – se vê impotente diante das mazelas das minorias, não raras vezes, dela mesma. É evidente que ao constituir-se em sujeito discursivo que assume para si a responsabilidade pelo relato dos dias – ainda que análogos na miséria, nas desventuras, na mesquinhez, na pobreza material, intelectual, Carolina Maria de Jesus – o indivíduo se constitui sujeito discursivo em um processo ininterrupto, marcado, evidentemente, pelo assujeitamento, pela identificação/desidentificação, pela contra-identificação, onde os matizes, facilmente, identificáveis são: a movência, o deslocamento, quando não a rebeldia, a não-transparência e/ou opacidade.

Assim, segundo SANTOS (2009, p.87):

*A instância enunciativa sujeitodal se configura, portanto, por condições de atribuição e de finalidade. Na instauração de um processo interpelativo, ela revela processos identitários dos sujeitos, decorrentes de uma inserção em um lugar sócio-histórico. Além disso, uma conjuntura ideológica as configura enquanto influência de valores referenciais e polifônicos dessas manifestações-sujeito que se instauram.*

O indivíduo Carolina Maria de Jesus ao ser, ininterruptamente, constituído sujeito discursivo desvela sua constituição ideológica, suas inscrição sócio-política-histórica, seu lugar social, dentre outros lugares possíveis. Um deles já comentados na sessão anterior quando apresentávamos o cobijado desejo do sujeito-autor em ser homem, já que sempre havia lido nos relatos que os grandes feitos históricos eram protagonizados por homens, daí seu impulso primeiro e genuíno tenha sido/tivesse sido, desejar ser homem, ainda que, inocentemente, almejasse passar por debaixo do arco-íris – condição *sine qua non* apresentada por sua mãe para, de fato, SER aquilo que não era e que, por razões óbvias, jamais seria: homem. Se não preenchia duas condições imperativas, aliás, tomadas como tais, em seu singular lugar social, para ser ESCRITORA: ser homem e detentora de um saber intitulado escolarizado, canonizado – Carolina trilhando na contramão, ainda que tenha sido, ingenuamente, sentenciada para ser escritora, realiza o seu ávido desejo: consegue ser autora de diários, um deles – pauta para a presente tese, no tocante ao *corpus* de base literária – materialidade para a apresentação desta análise discursiva.

Quanto à legitimidade – “que é uma relação que transcende” o poder de percepção discursiva do sujeito” (SANTOS, 2009, p.88) o indivíduo ao tornar-se sujeito discursivo e ao assumir a função de sujeito-autor ao se inscrever/circunscrever-se enquanto tal através das nuances de assujeitamento e autonomia em relação ao processo de constituição deste sujeito discursivo pelo processo de interpelação que se dá em duas vias, aliás, em mão dupla, tanto pela alteridade na interioridade (referencialidade polifônica) quanto pela exterioridade (inscrição ideológica e assujeitamento) traz, indelevelmente, marcado em sua constituição, suas inscrições sócio-políticas-ideológicas, históricas, econômicas e culturais e elas (des)velam as especificidades deste sujeito discursivo. Tanto assim o é

que Carolina – enquanto sujeito-autor traz a marca de uma voz que tenta falar pela maioria. Se esta voz só se fez audível em um circunscrito momento editorial, e/ou até de camuflada popularização cultural no Brasil – quando então se apregoava aos quatro ventos o desejo, o limitado desejo de dar voz às minorias, ainda que presas/atadas por um aparelho ideológico e político cordato, Carolina figura, tempos depois e, até mesmo, no exterior, como um autora de renome, cuja obra completa só se acha, devidamente, compilada, em sua íntegra, em língua inglesa e tendo um de seus livros editados, primeiramente, na França, antes de ser lançado no Brasil, a saber: Diário de Bitita. Estes são feitos, aliás, são realizações que mostram em devir, os desdobramentos/as singularidades de uma autora que embora não tivesse recebido os acenos da crítica literária aspirados como legítimos, como reconhecedores do talento, dos esforços da instância-sujeito Carolina Maria de Jesus ou os quais ela julgava como genuínos/merecedores entremostam/(des)velam enquanto recepção que autora e obra foram, amplamente, acolhidas.

Entendemos, assim como Santos, que a partir destas considerações a respeito das singularidades de uma IES, há que proferirmos sobre os processos de subjetivação – onde um indivíduo é interpelado a constituir-se em forma-sujeito e este processo é marcado por singularidades tais que uma forma-sujeito se constitui sujeito discursivo por intermédio de um lugar social e/ou de um lugar discursivo e/ou ambos. Este constituir-se sujeito é um processo ininterrupto, singular, marcado por confluências, congruências, articulações, movências, opacidades, onde a exterioridade incita a forma-sujeito a constituir-se sujeito discursivo tendo por sua interioridade, a saber: sua inscrição ideológica e as especificidades de seu assujeitamento. Este assujeitamento não é evidente, mas satisfaz a princípios e critérios outros, que escapam ao sujeito da consciência, mas que, paradoxalmente, quase em uma figura denominada oximoro, vem à tona por intermédio da materialidade linguística e que acaba por (des)velar imagens, inscrições, representações, filiações sócio-políticas e ideológicas reveladoras de formações discursivas tais.

De acordo com Santos (2009, p.98-99):

Tornar-se sujeito de um discurso implica numa tomada de posição no interior da formação discursiva. Isso significa que esse sujeito do discurso, uma vez constituído ideologicamente, ocupará um lugar distinto no processo enunciativo. Esse lugar terá uma natureza social na medida em que esse sujeito do discurso estará constituído ideologicamente por força de inscrições em formações imaginárias, determinantes de relações de outricidade. Essas relações de outricidade o constituirão em uma formação social, o que demarcará seu grau de assujeitamento na enunciação.

### 1.2.2-LEGITIMIDADE/JUSTIFICATIVA apontando as razões para se contemplar este enfoque e não outro

*“Volto para trás/ nesta paz/dé ver nos meus passos/ o único sinal  
profundo da tarde lilás”  
(José Gomes Ferreira)*

Em uma crescente de tons e entretons a IES salpica em *Quarto de Despejo – diário de uma favelada* as cores da amargura que envolve os favelados, sai do roxo até chegar ao preto... não passa, evidentemente, pelo lilás, mas crê – ainda que o arco-íris fuja sempre – na possibilidade, ainda que remota, dos políticos desvendar suas óticas e olhar, de fato, para as minorias, para os excluídos.

A epígrafe desta sessão ainda que traga alusão ao lilás – como uma tarde lilás – que deixaria marcas indeléveis, observa-se que, em *Quarto de Despejo*, a vida é roxa, a vida é negra, a vida é preta como a indicar em uma sequência de tons que, nesta vida de agora e, em tantas outras, só há vestígios de esperança, só há resquícios de otimismo, pois a luta é diária, desigual, dura como o pão que os favelados saciam sua fome. A própria IES – em um típico discurso de denegação reluta e diz com veemência, com vivacidade, aliás, visceralmente, que deseja em outras reencarnações voltar sempre preta: “Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta”. (Q.D, p.65), conquanto seja esta mesma cor que a impossibilita ser aceita quando escreve peças e as apresentava aos diretores circenses:

Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me: \_  
É uma pena você ser preta. Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o meu cabelo bem iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta. (Q.D, p.65).

O discurso da denegação – nos moldes do que já apontava Pêcheux (1997) seria aquele que, a título da consciência e/ou aprendido nesta consciência, neste sujeito da consciência, ele não é deflagrado, tornado público, notório, é aquele que subjaz, que se deflagra, que se apresenta, na materialidade linguística, de forma camuflada. Talvez entre tantas razões manifestas ou não para que a autora Carolina Maria de Jesus mesmo tendo escrito um livro que se tornaria um dos livros mais vendidos e lidos na década de 60 e tendo escrito, ainda, inúmeros gêneros textuais, a aludida autora não fora acolhida e não seria aceita nos padrões literários intitulados canônicos vigentes, não seria uma imortal, pois para ser acolhida, nesta academia, outras e diversas outras seriam as condições/os requisitos/os pré-requisitos para aceitá-la e referendá-la como uma autora brasileira e canonizada enquanto tal, além dos literários e pertencentes à cultura letrada em voga.

Para recorrermos a outro trocadilho o discurso da denegação seria mais ou menos este: “eu sou negra, pobre, favelada, semiescolarizada, mãe solteira, catadora de lixo, graças à Deus”. Quero voltar em outras reencarnações como negra/preta. Por outras palavras, o que gostaríamos de deixar evidente é que mesmo construindo um relato, um diário, a IES (ao recorrermos às extensões teóricas propostas por SANTOS, 2009) constrói/trama/tece/alinhava fatos/acontecimentos que podem, facilmente, carregar outros matizes a despeito deste gênero discursivo assinar/atestar o que Lejeune intitularia de pacto autobiográfico. Carolina Maria de Jesus – enquanto instância-sujeito que confabula uma instância-narrador e que, por sua vez, tenta esboçar/esquadrinhar uma instância-personagem – o faz a

partir de seu viés de sujeito que está, ininterruptamente, se constituindo sujeito na e pela linguagem. Assim Carolina tenta, veementemente, mostrar que seu relato é digno de nota e, talvez por esta razão, digno de legitimidade já que está falando em nome de uma classe – a dos desfavorecidos, a dos favelados, a dos marginalizados, enfim daqueles que vivem nos quartos de despejo, na periferia, nos entornos, embora não raras vezes, contraditoriamente, denuncia/ameaça delatar as lambanças dos favelados, se intitulando a apaziguadora, a porta-voz dos desvalidos talvez pelo fato de se achar um tanto quanto melhor – já que detinha o poder de fala e o da escrita – ainda que minimamente, já que só possuía o segundo ano, do antigo primário.

O tom de amargura, de tristeza é facilmente perceptível não só nos motes para a escritura de Quarto de Despejo, se constitui, ainda, em pauta para relato das misérias, dos desmandos, da corrupção dos políticos que só retornam à favela de quatro em quatro ano, é também inventário da podridão e das mazelas humanas, ainda tão prementes na atualidade, ainda que tenha passado mais de meio século. Se a pauta para Quarto de Despejo são os sentimentos abjetos, a miséria em todas as suas acepções e nuances, como sonhar com outros matizes tão evidentes no arco-íris? Nesse sentido, a metáfora do arco-íris seja/é, e será impossível, tão distante... por isso a sensação apresentada quando criança e que a seguiu por toda a vida seja “o arco-íris foge de mim”. É impraticável uma tarde lilás... é inverossímil um final feliz, por isso a deixa seja justamente aquela apresentada no último dia do diário que poderá em um processo cíclico ser também o reinício “**1 de janeiro de 1960** Levantei as 5 horas e fui carregar água. (QD,192)”. Desse modo e talvez pelas mesmas razões o sujeito-autor em sua antevisão admita que “Segui pensando: quem escreve gosta de coisas bonitas. Eu só encontro tristezas e lamentos.” (QD, p.185). Talvez na visão um tanto quanto equivocada, ou lerdada do ponto de vista do que era intitulado gosto estético em voga, na década de 60, já que Carolina – enquanto sujeito-autor para recorrermos aqui à acepção apontada por Foucault recolhia aos textos e informações colhidas e angariadas aqui e acolá entre um lixo e outro, como saber do que era moda, do que era aceito e intitulado acadêmico, canônico, já que todas as informações já chegavam filtradas pelo tempo implacável?

Assim, inversamente, Carolina deseja, ambiciona o belo interligado ao bom, ao justo, ao otimismo, à sala de estar, ao arco-íris, à tarde lilás, embora em seu relato, no relato dos que vivem no Quarto de Despejo só haja, de fato, sofrimento, miséria, tristezas e lamentos como a aproximá-los dos tons e semitons negros, pretos e roxos esboçados no decorrer dos relatos: “Cor roxa. Cor da amargura que envolve os corações dos favelados.”(QD,34). “Comeram e não aludiram a cor negra do feijão. Porque negra é a nossa vida. Negro é tudo que nos rodeia.” (QD,44). Na pauta do dia, a miséria tem cor, tem cheiro, tem som e se mistura aos excrementos: da favela, aliás, que exalam da favela e dos favelados. Os mexericos se espalham feito o ciscar das galinhas que tudo revolvem por meio das bocas das mulheres que se encarregam de repassar e aumentar este ou aquele adereço deste ou daquele acontecimento. Na pauta de Quarto de Despejo os amores, ah... os amores... são escorregadios e/ou tem asas nos pés feito o cigano pelo qual o sujeito-personagem se apaixonara... e vislumbrara que era e

seria sempre impossível vivenciar este amor pois seria como agarrar o vento, seguir o vento... como agarrá-lo, como?

Não há como sonhar com uma tarde lilás, não há como mudar de gênero, pois se o que apregoava a mãe: “passar por debaixo do arco-íris” era a condição *sine qua non* para a mudança e, assim, protagonizar o próprio relato de feitos heroicos sempre representados por homens era algo impossível, então como conseguir tamanha façanha tão ambicionada pelo sujeito-autor, sujeito-personagem e sujeito-narrador?

...Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a Historia do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria. Então eu dizia para a minha mãe: \_Porque a senhora não faz eu virar homem? Ela dizia: \_ Se você passar por debaixo do arco-iris você vira homem. (QD, p. 55)

Só se é feliz nos sonhos – lugar possível; lá (nos sonhos desvendáveis ou não) pobre pode comprar terrenos, lá favelado é feliz, lá se espera e se crê no “bem querer”... se crê ainda no futuro... lá se é feliz... simplesmente... “Ela disse-me que só mesmo no sonho é que podemos comprar terrenos. No sonho eu via as palmeiras inclinando-se para o mar. Que bonito! A coisa mais linda é o sonho. Achei graça nas palavras da D. Angelina, que disse-me a verdade. O povo brasileiro só é feliz quando está dormindo.” (QD, p.137). No sonho não há luta de classes, mais valia, preconceito, discrepâncias, incompreensões, injustiça social, ambições, cobiças, concubinatos, ingratidões, promiscuidade, fome, miséria, desmandos. Nos sonhos uma tarde lilás, contrariamente, a vida real, será sempre possível... assim ao recorreremos mais uma vez a epígrafe desta sessão deveríamos prencuniar ao menos nos sonhos ou então na ordem do devir, do vir a ser, do tornar-se... Carolina – enquanto sujeito-autor antecipa em 10 anos um gênero discursivo que só seria prencuniado, tempos depois, por homens e altamente escolarizados.

Nesse sentido, uma tarde lilás se não é da pauta do dia é da ordem do devir e, assim, inventaria um lugar possível para uma escritora que a despeito de suas singularidades, todas contrárias as melhores previsões, expõe uma singularidade do viver rechaçado pela dor e a despeito desta dor presentifica a condição da mulher negra, semiescolarizada, favelada, mãe solteira e provedora do lar. É esta mulher que relatará as mazelas dos favelados e de seus iguais.

### 1.2.3- Memória discursiva: constituição de um sujeito chamuscado pelas marcas do tempo, da história, do lugar social, da ideologia, da exterioridade

*Janela sobre a memória IV*

*“A luz das estrelas mortas viaja, e pelo vôo de seu fulgor nós as vemos vivas.  
A viola, que não esquece quem foi seu companheiro, soa sem que seja tocada por mão alguma.  
Viaja a voz, que sem a boca continua.”*

(GALILEANO, E. *As palavras andantes*. 2007)

*Recordar* – trazer de novo aquilo que fora encharcado, uma vez primeira, pelo coração – esta possível acepção para o termo traz ainda que, metaforicamente, o papel da memória na constituição do sujeito. Assim nas trilhas, nos entremeios, nas fissuras deixadas e apreendidas na e pela materialidade discursiva se entrevê a singularidade deste papel que ininterruptamente interpela indivíduos em sujeitos que desvelam uma inscrição social, um lugar social, uma formação discursiva, uma filiação sócio-política e ideológica. Nesse sentido, a IES – a Instância Enunciativa Sujeitucional – Carolina delinea/esquadrinha sua circunscrição e esta aparece marcada em alguns enunciados – unidade que aqui se recorre enquanto substrato dos sentidos com vistas a uma análise do discurso, de base francesa.

No excerto “... Os bons eu enalteço, os maus eu critico. Devo reservar as palavras suaves para os operários, para os mendigos, que são escravos da miséria”. (QD, p.62), a IES ou para recorrermos aos termos de Foucault (1999), mais precisamente ao livro intitulado *O que é o autor?* a posição-sujeito (des)vela sua filiação, seu comprometimento, sua identificação enquanto sujeito-autor e enquanto sujeito-personagem e sujeito-narrador com os excluídos, com as minorias deste país, com os proletariados, com os operários, enfim com os favelados, com os ocupantes das marginais, com os moradores do quarto de despejo.

Em momento de indignação a IES fica com inveja dos animais, já que estes têm o que comer e, portanto, figuram, ser mais feliz que os favelados, já que a estes faltam-lhes as condições mínimas de sobrevivência: saciar a fome, a sede: “Fiquei com inveja dos peixes que não trabalham e passam bem”. (Q, p.61)

As aves deve ser mais feliz que nós. Talvez entre elas reina amizade e igualdade. (...) O mundo das aves deve ser melhor do que dos favelados, que deitam e não dormem porque deitam-se sem comer. (QD, p.36)

Que voz é esta/seria esta que sem a boca continua, ininterruptamente? A voz do Sócrates Africano entrevista nos mitos, nos provérbios, nas falas, nos preceitos bíblicos embargados/encharcados de um plausível lirismo, de um certo tom nostálgico? Que outras vozes são estas que perpassam/ trespassam/transpassam/traspassam o dizer caroliniano marcando-o, singularizando-o? São estas especificidades, são estas recorrências, são estas evidências na materialidade evidente constituída e constituinte de e por *Quarto de Despejo* – diário de uma favelada que a presente tese deverá se ater como objetivo principal – entenda-se, aqui, primeiro, com vistas a chegar em seu objetivo específico que aqui, para efeitos metodológicos intitulamos de desdobramento de nosso objetivo geral que era o processo de subjetivação para entremostrear a discursividade literária incanônica em Carolina Maria de Jesus.

Nesse sentido, não é ingênuo pensar que Carolina embora tivesse tido como padrão um modelo já desatualizado – pois o que ela recolhera no lixo e o que ela lia também já o lia com um possível atraso tempo-espacial. Os jornais lidos, já eram os jornais descartados, os livros lidos, também eram os livros já rejeitados, neste caso, então, como se fazer presente no tempo e espaço do agora se este agora exige para si um leitor que além de ser leitor fluente também tenhas posses e meios

– entenda-se, aqui, artifícios para se infiltrar nos meios acadêmicos: em seus salões, em seus requintes, em suas pompas e rituais, previamente, já postos e impostos. Carolina, neste caso, já estava de antemão, exclusiva, distante, fora desta sala de visita, não tinha, portanto, seu passaporte de entrada – para recorrermos aqui a um pleonasma, não tinha bilhete, não preenchia determinados pré-requisitos. Havia publicado livros e deixado escrito inúmeros gêneros discursivos e daí? Havia antecipado em 10 anos um gênero discursivo que seria renunciado dez anos depois apenas por homens brancos e altamente escolarizados e daí, isto tão somente não bastaria. Carolina a exemplo do que dissera Adélia Prado em intertexto ao poema de Manuel Bandeira iria carregar estandarte a de ser a primeira mulher negra a escrever um livro, um dos livros mais lidos e aceitos pelo público leitor de nosso país e de outros países: como obra somente editada em sua íntegra em língua inglesa, mas isto também não bastaria para colocá-la no apontamento dos autores intitulados literários, seja lá o que isto queira dizer, conforme bem pontuara Regina Dalcastagné ao estudar a representatividade e/ou a ausência dela na literatura contemporânea brasileira de dois grupos: a dos negros e pobres.

Em inúmeros momentos quando o sujeito-narrador faz menção aos pássaros relembramos passagens bíblicas, sobretudo, como uma voz que ressoa, no intradiscorso, um interdiscorso recorrente: trata-se de Mateus, capítulo 6, versículo 26: “Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas?” Muitos dos excertos abaixo transcritos evidenciam uma inscrição política e ideológica e, ainda, um lugar social da IES que na trama textual assume diversas posições: a de sujeito-autor, a de sujeito-narrador e a de sujeito-personagem embora chamuscados, não raras vezes, desvelam uma singularidade do gênero discursivo de característica testemunhal – diário – embora coincidentes, são possivelmente identificados tal e qual com suas singularidades. “Chegou o carro para conduzir o corpo sem vida de Dona Maria José que vai para a sua verdadeira casa própria que é a sepultura”. (QD, p.34) e/ou “As dificuldades corta o afeto do povo pelos políticos.” (QD, p.33)

O que o senhor Juscelino tem de aproveitável é a voz. Parece um sabiá e a sua voz é agradável aos ouvidos. E agora, o sabiá está residindo na gaiola de ouro que é o Catete. Cuidado sabiá, para não perder esta gaiola, porque os gatos quando estão com fome contempla as aves nas gaiolas. E os favelados são os gatos. Tem fome. (QD, p.36)

...Quando um político diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já que está ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olha o povo com os olhos semi-cerrados. Com um orgulho que fere a nossa sensibilidade. (QD, p.39)

Essa escrita por sobre revela uma historicidade que pertence a uma anterioridade que determina o lugar social do sujeito, trazendo a superposição de outra escrita que, por uma alteridade em clivagem, revela o lugar discursivo da instância enunciativa sujeitudinal escritora. Dessa forma a alteridade ‘por sobre’/‘superposição’ significa essa movência sujeitudinal que constitui uma forma-sujeito que se traduz por seu lugar social e faz emergir uma tomada de posição revelando o lugar

discursivo autor. Ao mesmo tempo não se pode deixar de registrar o deslocamento simultâneo entre os três lugares (posição-sujeito, lugar social e lugar discursivo), síntese da criação literária que se enuncia nos cadernos encardidos.

Estamos diante de uma instância-sujeito que criva o mundo, ressignifica-o e o enuncia no entremeio de uma literariedade que busca uma inclusão no universo discursivo da literatura como forma de inserção social. Trata-se, pois de uma tentativa de deslocamento de um lugar social de pobreza e miséria para um lugar discursivo imaginário de constituição pelo seu dizer sobre si. Um exercício de alteridade da e pela linguagem que lhe confere uma autoria como forma de emergência de um sujeito do mundo nele próprio.

Carolina é, prontamente, ininterruptamente, instigada/incitada à existência: seja para apresentar aos outros a favela e a miséria dos favelados – seus iguais; seja, ainda, para se destacar deles – por possuir, por ambicionar deter a cultura letrada para, a par dela, e a utilizando enquanto ferramenta, alçar voos longínquos ou tão somente revelar ao mundo, sua condição de negra, favelada, mãe solteira, catadora de lixo e escritora.

Se o sujeito se constitui na e pela ideologia e traz tatuado/inscrito em seu processo de subjetivação (no ato de se constituir, ininterruptamente, sujeito) um lugar social, uma posição social, uma formação discursiva e, conseqüentemente, um lugar discursivo, Carolina Maria de Jesus, o sujeito-autor, a partir de uma dada condição ideológica, política, social, histórica, no espaço limítrofe do barraco nº 05, na Rua A, da Favela do Canindé quer crer que a escrita, a escritura... é uma profissão possível, pretendida, ambicionada. Mesmo cônica de suas limitações correlacionadas à cultura intitulada *letrada, padrão*, infiltra o mundo literário ou, conforme expressa Lajolo, “arrouba” a literatura, provocando fissuras no arcabouço desta “república das letras brancas e cultas”, “mundo das concordâncias e das crases” (Lajolo, 1996, p.43-44, grifos do autor).

Há na materialidade discursiva apreendida no *corpus* literário incanônico de *Quarto de Despejo* inscrições dicotômicas, reveladoras de marcas de oralidade e marcas de um discurso mais próximo dos textos românticos e/ou intitulados letrados. Essas inscrições se sobrepõem na alteridade da produção de sentidos e da constituição da instância-sujeito na emergência da obra. Dicotômicas porque se deslocam, transmutam-se, movem-se significativamente no encaminhamento da enunciação literária.

Segundo a fortuna crítica de Carolina Maria de Jesus – notadamente os textos oriundos de áreas antropológicas e sociológicas, especialmente os escritos por José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine, a autora só detinha o segundo ano primário. Toda a leitura que o sujeito-autor Carolina entremostra em *Quarto de Despejo*, apreendido por meio dos sentidos veiculados nesta obra e, também, entrevistados nas diversas marcas no interdiscurso caroliniano fora Tateada/buscada/burilada nos moldes tomados enquanto cânone – os poetas românticos, entre eles, Casimiro de Abreu – primeiro poeta a ser lido e tomado como referência, dentre outros, como Castro Alves – aceito e referendado pela autora como um dos grandes poetas, o poeta dos pobres, das minorias, dos excluídos.

Como proceder diante de um texto que, por todo momento, apresenta-nos enquanto uma figura de linguagem intitulada oximoro? Como se portar diante da materialidade discursiva onde as funções-autor, narrador, personagem, dentre tantas outras possíveis se apresentam dispersas, quando não imiscuídas e não raras vezes inseparáveis? Como apreender um sujeito-autor que em um processo de interpelação – nos moldes do que apregoara PÊCHEUX (1997, p.148) o sujeito é chamado à existência. Ou ainda, “a Ideologia interpela os indivíduos em sujeitos.”?

Carolina é, prontamente, ininterruptamente, instigada/incitada à existência: seja para apresentar aos outros a favela e a miséria dos favelados – seus iguais; seja, ainda, para se destacar deles – por possuir, por ambicionar deter a cultura letrada para a par dela e a utilizando enquanto ferramenta, alçar voos longínquos ou tão somente revelar ao mundo, sua condição de negra, favelada, mãe solteira, catadora de lixo e escritora.

Se o sujeito se constitui na e pela ideologia e traz tatuado/inscrito em seu processo de subjetivação (no ato de se constituir, ininterruptamente, sujeito) um lugar social, uma posição social, uma formação discursiva e, conseqüentemente, um lugar discursivo, Carolina Maria de Jesus, o sujeito-autor, a partir de uma dada condição ideológica, política, social, histórica, no espaço limítrofe do barraco nº 05, na Rua A, da Favela do Canindé quer crer que a escrita, a escritura é uma profissão possível, pretendida, ambicionada. Mesmo cônica de suas limitações correlacionadas à cultura intitulada *letrada, padrão* infiltra o mundo literário ou conforme expressa Lajolo, “arrouba” a literatura provocando fissuras no arcabouço desta “república das letras brancas e cultas”, “mundo das concordâncias e das crases” (LAJOLO, 1996, p.43-44, grifos do autor).

Há na materialidade discursiva apreendida no corpus literário incanônico de *Quarto de Despejo* inscrições dicotômicas reveladoras de marcas da oralidade e marcas de um discurso mais próximo dos textos românticos e/ou intitulados letrados. Segundo a fortuna crítica de Carolina Maria de Jesus – notadamente os textos oriundos das áreas: antropológicas e Sociológicas, especialmente os escritos de José Carlos Sebe Bom Meihy e de Robert M. Levine, a autora só detinha o segundo ano primário. Toda a leitura que o sujeito-autor Carolina entremostra em *Quarto de Despejo*, apreendido por meio dos sentidos veiculados nesta obra e também entrevistados nas diversas marcas no interdiscurso caroliniano fora tateada/buscada/burilada nos moldes tomados enquanto cânone – os poetas românticos, entre eles, Casimiro de Abreu – primeiro poeta a ser lido e tomado como referência, dentre outros, como Castro Alves – aceito e referendado pela autora como um dos grandes poetas, o poeta dos pobres, das minorias, dos excluídos.

É estimulante o fato de que, a instância-sujeito Carolina Maria de Jesus possui uma escolaridade que parece aquém daquilo que adquirira em termos de letramento – nos moldes do que pontua Magda Soares: como práticas sociais efetivas de leitura e escrita. Segundo Marisa Lajolo ao apresentar a Antologia Pessoal de Carolina Maria de Jesus com o prefácio intitulado “Poesia no Quarto de Despejo, ou um ramo de rosas para Carolina” profere sobre a escritura de Carolina – uma escrita que a despeito de apresentar a cultura popular, a fala do povo, os erros de sintaxe, os inúmeros

erros de concordância, as rimas pobres, as canções populares, a trova/prosa oriunda, advinda de seus ancestrais negros – o avô descrito como um Sócrates africano – mostra, entremostra, delinea o exercício, o fardo exercício de buscar/garimpar, recolher os termos/vocábulo mais próximos do dicionário, mais elitista, mais incomuns, mais atípicos de uma cultura fartamente anunciada como subletrada. Uma tessitura singular que desvela o exercício do dizer, o exercício inacabável do dizer. Carolina escreve e se inscreve como um sujeito-autor, um sujeito-narrador e um sujeito-personagem marcado/circunscrito/cerzido/alinhavado – para recorrermos aqui aos vocábulos correlacionados à tessitura, ao exercício de alinhar, cerzir, costurar o dizer – e ao cosê-lo tenta remendar, alinhar um lugar possível para o discurso caroliniano.

Como um ponto-e-vírgula insistimos que este projeto objetiva referendar a escritura de uma autora que conseguiu alçar voos mais longínquos que as suas limitadas condições socioeconômicas lhe impuseram. Propõe, ainda, desvelar que os escritos de Carolina Maria de Jesus indicam uma cisão conceitual do mundo através de uma resignificação do discurso do cotidiano e este é materializado através de alegorias severamente vividas. A instância-sujeito autor coloca na experiência empírica de um discurso da exclusão a real experiência da fome e faz deste experimento uma forma de visão social.

#### REFERENCIAL TEÓRICO:

BLANCHOT, M. *Conversação infinita*. In: COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da Citação*. Trad. de Cleonice P.B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

\_\_\_\_\_. *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BRUNER J. & WEISSER, S. **A invenção do ser: a autobiografia e suas formas**. In: *Cultura, Escrita e Oralidade*. OLSON, David R. e TORRANCE Nancy. Tradução de Valter Lellis Siqueira. 1995. Ática.

CARROLL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

COMPAGNON, A. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

DALCASTAGNÉ, Regina. **A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea**. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 4, p. 18-31, dezembro 2007.

\_\_\_\_\_. **Constrangimento Discursivo e estratégias de legitimação na literatura brasileira contemporânea**. Revista de Pós-Graduação em Letras – UFPB – João Pessoa, vol. 7, N.2/1, 2005 – p. 65-70. ISSN 1516-1536.

\_\_\_\_\_. **Imagens da mulher na narrativa brasileira**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit>. Acesso em outubro de 2009a.

\_\_\_\_\_. A personagem do romance brasileiro contemporâneo – 1990- 2004. Disponível em: [http://www.cronopios.com.br/anexos/regina\\_dalcastagne.swf](http://www.cronopios.com.br/anexos/regina_dalcastagne.swf). Acesso em setembro de 2009b.

ECO, Humberto. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HAK, Tony; GADET, Françoise. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethania S. Mariani et al. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* 2ª ed. São Paulo: Passagens, 1992.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo – diário de uma favelada*. 9ª Ed. São Paulo: Ática, 2007. 200 p. (Sinal Aberto)

\_\_\_\_\_. *Antologia Pessoal*. Org. José Carlos Sebe Bom Meihy. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

LAJOLO, Marisa. *Poesia no quarto de despejo, ou um ramo de rosas para Carolina*. In: **Antologia Pessoal**. Org. de José Carlos Sebe Bom Meihy; [revisão de] Armando Freitas Filho. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

LEFEBVE, Maurice-Jean. *Estrutura do Discurso da Poesia e da Narrativa*. Tradução de José Carlos Seabra Pereira. Coimbra, 1980.

LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico*. Belo Horizonte: Editora da Unicamp, 1992.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. 1999. Rio de Janeiro: Rocco.

MAINGUENEAU, D. *Discurso literário*. São Paulo: Contexto, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *O inventário de uma certa poetisa*. In: *Antologia Pessoal*. Org. de José Carlos Sebe Bom Meihy; [revisão de] Armando Freitas Filho. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

\_\_\_\_\_. *Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio*. Biblioteca Virtual de Direitos Humanos da USP. Texto disponível em: <http://cefetsp.br/edu/eso/cidadania/meihysp.html>. Acesso em 24/06/2009.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas, S.P: Editora da UNICAMP, 1997.

\_\_\_\_\_. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni P. Orlandi. 5ª edição, Campinas: Pontes, 2008.

\_\_\_\_\_. *Papel da memória*. In. ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PIÑON, Néida. *Coração andarilho*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

POSSENTI, Sírio. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009

RICHARD, Nelly. "Experiência e representação: o feminino, o latino-americano". In: \_\_\_\_\_. *Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. p. 142-155.

ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SANTOS, J.B.C. *Por uma teoria do Discurso Universitário Institucional*. Belo Horizonte: POSLIN/FALE/UFMG. Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos. 2000.

\_\_\_\_\_. "A instância enunciativa sujeitidual". In: *Sujeito e Subjetividade*. Uberlândia: EDUFU. Coleção Linguística in Focus. Vol. 6. 2009. p. 83-101.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2ª ed.. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOUSA, Germana Henriques Pereira de. *Carolina Maria de Jesus – o estranho diário da escritora vira-lata*. Tese de Doutorado, 2004, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 262p.

VOGT, C. **Trabalho, pobreza e trabalho intelectual**. In: SCHUWARZ, R. (Org). *Os pobres na Literatura Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1083, p.205-213.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira